

Íntegra da entrevista concedida por Fernando Molica ao jornal italiano "La Cronaca" e que foi publicada no dia 19 de dezembro de 2005.

### **Como nasceu a idéia de escrever um livro sobre o "Chacal Brasileiro" ?**

O livro nasceu de duas reportagens que fiz, em 1999 e 2002, para um programa jornalístico da TV Globo chamado Fantástico. Na primeira reportagem eu falei da existência de um brasileiro, Antonio Expedito Carvalho Perera, que tinha se envolvido com o terrorismo internacional nos anos 70. Na época, eu consegui que o Illich Ramírez Sánchez, o "Carlos", o "Chacal", me respondesse a um questionário (ele já estava preso em Paris). "Carlos" me confirmou que conheceu Antonio Expedito Carvalho Perera e disse que ambos haviam lutado pelas "mesmas causas". No início de 2002 eu recebi uma indicação sobre o paradeiro de Perera, que estaria morando em Bettola. Viajei então para a Itália para fazer uma segunda reportagem. Desta vez, fui acompanhado da filha de Perera, Cristina. Foi quando chegamos ao túmulo de Paulo Parra/Expedito Perera. Fiz a segunda reportagem e achei que o assunto renderia um livro. Fiz novas pesquisas e o livro, "O homem que morreu três vezes", foi, enfim, publicado em outubro de 2003. Achei fascinante a trajetória de Expedito Perera - ele foi um homem de extrema-direita e acabou envolvido com a extrema-esquerda - e a capacidade que ele teve de assumir diferentes papéis ao longo de sua movimentada vida.

### **Quem era o "Chacal Brasileiro" em seu país? O que representava politicamente? Que imagem tinham dele?**

Advogado, Perera, na juventude foi um conservador, integrou o Partido Democrata Cristão, escreveu muitos artigos contra o comunismo, comandou o apedrejamento de um comício de um líder comunista, e apoiou o golpe militar de 1964. Chegou a denunciar antigos sócios como comunistas. Ele acabou tendo problemas com o novo regime - foi acusado de corrupção e foi demitido do serviço público. Desmoralizado no Rio Grande do Sul (seu estado natal), foi para São Paulo onde, por questões profissionais, aproximou-se de Onofre Pinto, um ex-militar, que liderava uma organização guerrilheira, a VPR, Vanguarda Popular Revolucionária. Ele passou a colaborar com a organização, a ponto de abrigar em sua casa alguns dos homens mais procurados pela ditadura, entre eles, Onofre e o capitão do Exército brasileiro Carlos Lamarca - um homem que desertou do quartel levando armas que seriam utilizadas na revolução socialista. Perera foi preso em 1969 por abrigar essas pessoas e foi muito torturado. No início de 1971, Perera foi incluído entre os 70 presos políticos libertados pelo governo em troca do embaixador suíço no Brasil, Giovanni Bucher, seqüestrado por grupos de esquerda. Ele foi para o Chile e logo depois para Paris, onde tornou-se uma espécie de embaixador da VPR. Pouco tempo depois, ele se aproximaria de grupos terroristas, como o Exército Vermelho Japonês e do próprio "Carlos". Essa aproximação está relatada e documentada em documentos do governo brasileiro e em informações publicadas no livro "Até o fim do mundo", de David Yallop.

É importante dizer que, no Brasil, Perera é quase desconhecido, inclusive por setores da esquerda. Ele não teve uma atuação relevante na guerrilha. Há os que dizem que ele defendeu muitos estudantes e presos políticos: essa atuação é desconhecida dos advogados que atuaram na época, só consegui provar um caso em que ele defendeu uma estudante acusada de subversão. Ele foi libertado no seqüestro por gratidão, já que fora preso e torturado por abrigar pessoas procuradas. Perera ganhou relevância na Europa, principalmente depois de se aproximar de grupos terroristas - tanto que muitos brasileiros passaram a evitá-lo. Eu cheguei a entrevistar um brasileiro que me contou ter sido convidado por Perera para fazer treinamento em países árabes.

### **Segundo suas investigações, por que Antônio Expedito Carvalho Perera, aliás, Paulo Parra, foi obrigado a deixar o Brasil?**

Como eu disse acima: ele foi preso e torturado por colaborar com uma organização armada e foi processado. Quando seu nome foi relacionado por grupos guerrilheiros entre os que deveriam ser libertados, ele aceitou ser banido do país em troca da liberdade. O curioso é que ele foi um dos poucos que não voltaram ao Brasil depois da anistia, em 1979; não voltou nem depois do fim do regime militar, em 1985.

### **Fora das fronteiras brasileiras, ele corria mesmo perigo de morte por parte dos homens da ditadura militar brasileira?**

Está comprovado que houve ações conjuntas das ditaduras do Cone Sul - Uruguai, Brasil, Argentina, Chile e Paraguai. Houve colaboração, seqüestro de presos e assassinatos no âmbito da chamada "Operação Condor". Brasileiros foram torturados no Chile, presos na Argentina e Uruguai. A ditadura chilena foi além, chegou a cometer assassinato nos Estados Unidos. Não sei, porém, de nenhum caso de brasileiro que tenha sido perseguido ou morto na Europa. Havia uma vigilância sobre eles, mas não sei de nenhum caso de assassinato cometido em países europeus. A aproximação de Perera com grupos terroristas foi registrada pelos serviços de informação da ditadura brasileira, mas acho um certo exagero falar que ele corria risco dentro da Europa. Nos anos 70, já havia uma grande pressão internacional contra a ditadura brasileira nesses países.

**Quais foram as ligações entre Antônio Expedito e o terrorismo internacional? Quais foram suas ligações com "Carlos", que hoje parece estar envolvido no massacre de Bolonha em 2 de agosto de 1980?**

Em seu livro, Yallop fala das ligações de Perera com o Exército Vermelho Japonês (JRA), e o classifica de "terrorista em tempo integral". Diz que ele forneceu armas para uma das mais espetaculares ações de "Carlos", a invasão e o seqüestro de diplomatas na embaixada francesa em Haia, na Holanda. A ligação de Perera com o JRA também é citada em documento do Serviço Nacional de Informações, da ditadura brasileira. Em 1976, a revista Le Point, edição número 198, também afirmou que Perera era fornecedor de armas de "Carlos". O próprio "Carlos" me disse, por escrito, que tivera "a honra" de conhecer Perera em meados de 1970. Ele classificou o brasileiro de "líder revolucionário internacionalista". Perera, que morava em Paris, foi obrigado a desaparecer depois que "Carlos" matou dois policiais franceses, em 1975. Depoimentos de brasileiros ligados a organizações de esquerda me confirmaram essa ligação.

**O senhor conseguiu descobrir quando Antônio Expedito conheceu Amanda Castello?**

Não. Algumas pessoas dizem que Perera tinha uma relação com uma mulher rica em Milão, mas não tenho como dizer que essa mulher fosse Amanda Castello. Uma ex-deputada comunista brasileira, Zuleika Alambert, me disse, porém, que em 1976 conheceu Parra e Amanda Castello, em Milão. Ela foi se submeter a um tratamento psicanalítico com Parra. As datas sugerem que Parra, portanto, "nasceu" logo depois do crime cometido por "Carlos" em Paris. O curioso é que,

**Fernando, como descobriu que Amanda Castello estava na Itália? Que impressão teve quando esteve com ela? Ficou impressionado quando a encontrou?**

Creio que Zuleika Alambert foi a primeira pessoa a me falar dela. Maria Prestes, viúva do ex-líder comunista brasileiro Luiz Carlos Prestes, também me falou de Amanda (o casal ficou hospedado na casa de Parra e Amanda em Milão). Mas só fui saber onde é que ela vivia em 2002, quando um brasileiro que tinha morado na casa deles, em Bettola, me procurou para falar que sabia onde eles estavam (ele viu a primeira reportagem na TV e quis ajudar a filha de Perera, que não via o pai desde 1971). Quando estive em Bettola, em 2002, Amanda não estava em casa ou não quis me receber. No ano seguinte, ao descobrir que a documentação brasileira de Parra e Amanda era falsa, telefonei para ela, achei que seria correto ouvi-la antes de publicar a história no livro. Ela evitou falar sobre o assunto. Disse que não sabia de nada relacionado com o seu passaporte brasileiro. No livro eu reproduzo a documentação da Polícia Federal brasileira que comprova que os passaportes de Amanda e de Parra foram emitidos originalmente para outras pessoas. Não sei o que pensar dela. Notei, isto sim, que ela foi capaz de sustentar uma mentira por, pelo menos, 30 anos.

**É possível que Amanda não soubesse do passado do marido?**

Não tenho como afirmar qualquer coisa sobre a eventual participação dela nas atividades do marido antes dele se transformar em Paulo Parra. Nem mesmo sobre o eventual conhecimento, por parte dela, das atividades de Perera. Só posso falar daquilo que apurei, que comprovei.

**Amanda não responde às minhas perguntas, é esquiva. O que ela esconde, em sua opinião?**

Ela, certamente, se esquivou muito mais de mim. Procurou negar até o que era óbvio: a falsidade de seu primeiro passaporte brasileiro, que foi emitido em nome de Regina Vieira do Rêgo.

**Existem, que você saiba, medidas de caráter judicial internacional em torno da figura de Paulo Parra e Amanda Castello?**

Tive muitas dificuldades para apurar informações oficiais sobre Perera/Parra na Europa. Fiz alguns contatos com o governo francês, mas não obtive nenhuma resposta. O tema terrorismo é muito delicado aí na Europa. Sei apenas que, logo depois do assassinato dos policiais, a DST esteve no apartamento em Paris de Danda Prado, uma brasileira que vivera com Perera. Ela chegou a ser interrogada pelos policiais franceses, que estavam em busca de seu ex-companheiro.

**Teu livro, que é impossível de encontrar, iniciou as investigações da Polícia? Como a polícia conseguiu o livro?**

Não tenho idéia de como a Justiça e a Procuradoria na Itália obtiveram meu livro. Quando o livro foi lançado, ele foi bem divulgado no Brasil, muitos jornais e revistas fizeram reportagens a respeito dele. Pode ser que alguém da diplomacia italiana tenha alertado seu governo sobre isto. Mas não posso afirmar nada, desconheço como isso se deu. O livro continua em catálogo no Brasil, pode ser comprado nas livrarias brasileiras ou mesmo pela internet.

**Em sua opinião, como uma mulher pode conservar um segredo por 36 anos? Como julga o personagem Amanda Castello?**

Não tenho elementos para dizer que esse segredo tem 36 anos. Não tenho como julgar Amanda Castello, não seria razoável fazer isso. Meu interesse sempre foi a figura de Expedito Perera, gostaria muito que ela se dispusesse a falar sobre ele. Desconfio que ela teria novas histórias para contar.

**Amanda Castello lhe define como incorreto porque, segundo ela, você queria sujar a memória do seu marido. O que pensa disso?**

Depois de mentir por tanto tempo, depois de usar por tantos anos um passaporte falso, acho que a sra. Amanda Castello, melhor, a sra. Muriel Bianchi, não tem condições de me classificar como "incorreto". No meu livro, todas as informações estão rigorosamente documentadas, cito as fontes de tudo. Não tenho o menor interesse em "sujar" a memória de Perera ou de qualquer outra pessoa. Apenas fiz uma investigação jornalística de caráter histórico que revelou o passado de Expedito Perera. Para me contestar, a sra. Bianchi deveria provar que há informações incorretas no meu livro e não lançar acusações vagas a meu respeito. Ela é que tem que se explicar.

**Hoje, no Brasil, como Paulo Parra é lembrado? A polícia brasileira o está procurando?**

Os arquivos da ditadura guardam muitas informações sobre Perera/Parra. A anistia que houve em 1979 foi bem ampla, mesmo pessoas que participaram de ações armadas, que envolveram mortes, foram libertadas ou autorizadas a voltar para o Brasil. O processo contra Perera foi encerrado. Creio que se ele fosse vivo poderia viver tranquilamente no Brasil. Até onde eu sei, não há nenhuma pendência em relação a ele em território brasileiro.

**Você sustenta que foi só uma grande história de amor. Foi só isso?**

Acho que foi muito mais do que isto. Trata-se de uma grande e quase inacreditável história. Fiz questão de documentar tudo no livro, de revelar as fontes de informação para demonstrar que tudo ocorreu. Perera construiu uma história fantástica, cheia de reviravoltas e de muitos amores - ele foi um grande sedutor. Não tinha o perfil do guerrilheiro comum: no Brasil, chegou a circular de robe-de-chambre na prisão...

**Se você quiser dizer acrescentar algo, diga...**

O que eu tinha a dizer, disse no livro. Creio que a sra. Bianchi é que teria muito para contar. Principalmente para Cristina, uma mulher que não sabe do pai desde 1971. Cristina procurou "Amanda Castello", conversou com ela por telefone - e a sra. Bianchi se recusou a dar qualquer informação sobre seu ex-companheiro.